Memória da Cana

Construção espetacular a partir de 'Álbum de Família' através de 'Casa Grande & Senzala'

Newton Moreno

Inscrito nos gomos da laranja, um recado da raiz (Trecho da peça ENGENHO VELHO de Newton Moreno).

Este artigo pretende apresentar aos leitores da SALA PRETA alguns conceitos e encaminhamentos da construção do espetáculo MEMÓRIA da CANA, montado pela companhia OS FOFOS ENCENAM com estréia em 29 de junho de 2009 na sede do grupo em São Paulo.

O espetáculo começa a ser gestado em 2007 quando o grupo ganha o edital da LEI de FOMENTO ao TEATRO de São Paulo para montar sua própria sede e desenvolver quatro núcleos de pesquisa. Um destes núcleos, O ÁLBUM, propunha uma investigação cênica do exercício da MEMÓRIA dos atores de criação nordestina através dos textos ÀLBUM de FAMÍLIA de Nelson Rodrigues e CASA GRANDE & SENZALA de Gilberto Freyre. A partir deste momento, organizamos uma seqüência de atividades iniciadas em setembro de 2007 e que terminam na estréia do espetáculo em 2009, apesar de não trabalharmos de forma ininterrupta. Assumimos uma dinâmica de 'construção em processo', realizando mostras e avaliando o retorno de nosso público para retornar à sala de ensaio.

Dividimos o trabalho em três etapas: Mergulho nas memórias pessoais; aproximações entre Nelson e Gilberto; e organização final do espetáculo para estréia. Conforme segue:

> Setembro de 2007 a maio de 2008 (2 encontros semanais): mergulho nas memórias pessoais; palestras, oficinas, workshops, pesquisa de campo e arquivo; MOSTRA no TUSP.
>
> Setembro de 2008 a fevereiro de 2009 (4 encontros semanais): aproximações entre Nelson e Gilberto; estudo das obras, workshops; viagem a Pernambuco; WORKSHOP FREYRE interno; MOSTRA no ITAÚ CULTURAL.
>
> Abril de 2009 a junho de 2009 (5 a 6 encontros semanais): organização final para estréia. ESTREIA e TEMPORADA

Na verdade, o projeto se inaugura na leitura do livro O ANJO PORNOGRÁFICO de Ruy Castro, aclamada biografia de Nelson Rodrigues, pernambucano criado no Rio de Janeiro.

Newton Moreno é dramaturgo, encenador e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA/USP.

R3-A1-NewtonMoreno.PMD 205 13/05/2010, 16:05

Menciono sua origem nordestina porque, nesta leitura, cresce a percepção de uma herança pernambucana na obra de Nelson Rodrigues. Profusão de imagens em seus quatro primeiros anos de vivência formadora na cidade de Recife e de convivência com o imaginário pernambucano durante toda sua vida.

São cinco páginas do livro, mas que parecem demarcar influências em sua obra e principalmente no 'Álbum de Família'.

Por exemplo, a memória de seu avô Barba de Fogo e de uma Recife candente de volúpias sexuais: "Barba de Fogo era famoso... principalmente pela sua desvairada militância sexual – uma obsessão que seu casamento com dona Adelaide, fina dama da sociedade local, não pertubava nem um pouco... (Adelaide) num gesto de enorme renúncia, liberou-o para ter as amantes que quisesse"[1]; Ou memória de partos dolorosos de matriarcas sinhás: "Mãe e médico lutaram durante horas pela criança, com sofrimentos inenarráveis para Adelaide...só havia uma solução, a cesariana...mas a cirurgia não feita e Adelaide morreu entre gritos desesperados de 'Me salvem!' e 'Não quero morrer!'"[2].

Cenas e personagens facilmente identificadas na peça apesar de seu texto ser vestido de evidente tessitura mineira.

Sábato Magaldi, ao se aproximar do processo de criação de Antunes Filho em O ETERNO RETORNO, nos dá a chave: "Quanto ao Álbum, se o autor não fosse originário do Recife, nunca teria escrito esta obra. Por mais cariocas que sejam algumas características de Nelson, por mais visível que seja a cor local, há em sua dramaturgia um sopro, um vendaval, que vem da terra. O telúrico liga os textos rodriguianos ao mito das cavernas, aos mitos primordiais"[3]. Nasce uma vontade de devolver o 'Álbum' a Recife, devolver um pouco de Nelson a sua origem. Vasculhar sua árvore genealógica enquanto percorremos a nossa. Desenhar nosso álbum de família pernambucana na geografia de arquétipos traçada em seu texto. Voltar, em companhia de Nelson e Gilberto, ao berço recifense para entender a gestação de quem somos.

Mergulho nas Memórias Pessoais

Convidando os atores a visitar os cômodos de suas memórias

Durante todo este primeiro período de trabalho, passamos pelas seguintes palestras:

Renato Ferracini. Corpo em Memória; Verônica Fabrini. O Álbum de Família de Nelson Rodrigues; Eni Samara. Família Brasileira; Fátima Quintas. Família Patriarcal em Gilberto Freyre; Cassiano Sydow Quilici. Tadeuz Kantor, Artaud e Memória; Silvana Garcia. Tragédia Familiar; e oficinas : Fernando Esteves. O som da Saudade; Vivi Madureira. A Memória na Sola dos Pés; Renato Ferracini. Um Corpo com Saudade de Casa; Luciana Lyra. Em busca de uma Mitologia Pessoal.

Convocamos atores-pesquisadores de origem e criação pernambucana[4]. Artistas nos

---

1 Castro, Ruy. O ANJO PORNOGRÁFICO. Companhia das letras, São Paulo. 1992. página 13.

2 Castro, Ruy. O ANJO PORNOGRÁFICO. Companhia das letras, São Paulo. 1992. página 14.

3 Magaldi, Sábato. NELSON RODRIGUES: DRAMATURGIA E ENCENAÇÕES. Perspectiva, São Paulo. 1987. página 170.

4 Os atores convidados são Carlos Ataíde, Luciana Lyra, Viviane Madureira, Paulo de Pontes (estes de origem pernambucana), Marcelo Andrade (de origem alagoana) e Kátia Daher, esta de origem paulista que pesquisa exatamente as 'personas' estranhas à família, as que não têm o mesmo sangue, como noras, cunhadas e enteadas.

R3-A1-NewtonMoreno.PMD 206 13/05/2010, 16:05

quais queríamos acionar uma profunda conexão com sua herança pessoal para acionar algum estado de revelação, de memória, de conexão com a raiz, de sagrado.

Num primeiro momento, cumprimos a realização de leituras de textos (sobre os temas Família Brasileira e Nelson Rodrigues), debates de alguns vídeos (AMARCORD, LAVOURA ARCAICA e A CULTURA DO AÇÚCAR) e apresentação de Workshops dos atores com os recortes de IMAGEM, VERBO e ÁRVORE GENEALÓGICA. Estes workshops foram provocados para manter estreita relação com as memórias pessoais dos pesquisadores.

Cada workshop é um convite para que os atores lancem na arena da pesquisa seu imaginário sobre o mote da pesquisa e contribuam para levantar a gramática cênica da obra. Aos poucos, vamos nos comunicando através deste acesso à raiz e constituindo juntos uma fábula única, uma família única, fruto desta memória coletiva.

A abordagem dos atores envolvidos neste projeto quer suscitar imagens de seu imaginário pernambucano de suas famílias nordestinas. Cheiros, fotografias e depoimentos de seus familiares sobre os parentes que se foram. Uma trilha para dentro de seu manancial genético-afetivo. Parece potente vasculhar atores pernambucanos em direta relação com a fonte de toda pesquisa. Divide-se o álbum de sensações e memórias e isto é uma viagem arquetípica. Como diz Gilberto Freyre: 'É um passado que se estuda, tocando em nervos'.

Ao mesmo tempo em que se configura um estudo poético desta matriz-modelo de família tradicional, procura-se dissecar as suas relações de poder no micro-universo que traduz a constituição do país reproduzida na sua célula familiar. Patriarcado senhorial e mando de sinhás.

Criamos o nosso álbum de família para que o nosso álbum de família povoe a cena.

Queríamos acionar um corpo não-cotidiano, um corpo vibrando de memória e temporalidade pernambucana. Um corpo-memória. Um corpo com saudade de casa.

Escolhemos fotos da infância e de parentes de cada ator para iniciar uma prospecção de figuras/personas familiares, o que chamamos de ação de criança.

Contando com uma oficina ministrada por Renato Ferracini, do grupo LUME, levantamos nossa primeira família em relação direta com as lembranças-álbum de fotos de cada ator.

A base do trabalho com as fotos se referenda no conceito de *punctum* de Roland Barthes[5]. *Punctum* quer nomear um detalhe na foto que atrai o olhar, que se destaca, que me afeta, que punge.

> "...punctum é também picada, pequeno orifício, pequena mancha, pequeno corte – e também um lance de dados. O punctum de uma fotografia é esse acaso que nela me fere(mas também me mortifica, me apunhala."[6]

Este detalhe funciona como um portal para aquele que vê a foto, adentrar o processo o fluxo criativo, acionar o imaginário e pesquisar um estado corporal em relação com a foto. Agindo sobre este detalhe, aos poucos, o ator constrói um corpo com memória familiar, o que chamamos 'matriz'. As 'personas' surgem como matrizes que resultam deste somatório de acessos à memória de cada intérprete. Esta ação 'escavada' em cada ator persegue uma sensibilização para micropercepções de seu estado corporal. Assim a memória-foto e suas membranas de recordação vão se potencializando em cena em sugestões de 'personas'.

---

5 O conceito de *punctum* pode ser encontrado no livro *A Câmara Clara*, de Roland Barthes.

6 Barthes, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa, Edições70, 1980. página 35.

R3-A1-NewtonMoreno.PMD 207 13/05/2010, 16:05

Estas associações nos permitem uma primeira divisão de 'personas'.

Permitem, por exemplo, também um leve trânsito entre o personagem Edmundo da peça ÀLBUM de FAMÌLIA de Nelson Rodrigues e seu depoimento pessoal sobre a perda de sua mãe, como está ilustrado neste quadro esquemático do ator-pesquisador Carlos Ataíde.

Ação sobfotografia do ator quando criança
=
Personagem Edmundo
da peça ÀLBUM de FAMÍLIA
+
Narrativa pessoal sobre a mãe do intérprete
=
Persona 1. Filho com saudade de casa

Ou seja, o ator Carlos Ataíde pode defender, a partir de sua 'persona 1', a personagem Edmundo na adaptação de ÀLBUM DE FAMÍLIA, dar corpo e voz a sua própria narrativa pessoal sobre a perda da figura materna. Mas todas estas investidas cênicas têm por base suas memórias, sua mitologia pessoal, seus familiares.

Tudo surge de uma investigação do seu 'álbum de família'.

Posteriormente, a mesma ação foi aplicada nas fotos de parentes mais velhos dos atores, o que chamamos de Ação de Velho. Só que desta vez a negociação entre memória e imaginação se dá em relação à observação do outro, e não, com reminiscência do próprio ator.

Realizamos também, uma rápida investigação com a dinâmica da 'mimeses corpórea'. Os atores trouxeram para sala de ensaio, o resultado de sua observação de alguns parentes. Não avançamos nesta chave em muitos dos personagens do espetáculo, mas podemos citar o trabalho do ator Paulo de Pontes que aborda o personagem do Avô, o que negocia as meninas para saciar a volúpia de Jonas, com a matriz de seu Tio Joaquim. Obviamente, algumas ações e dinâmicas corporais experimentadas neste exercício foram aproveitadas pelos atores, mesmo que não consigamos ainda mapeá-las sistematicamente.

Os primeiros estudos concentraram-se no levantamento de figuras e parentes que estão em direta conexão com as memórias pessoais e familiares dos atores.

Nossa investigação da memória em cena fecha esta primeira etapa de pesquisa, levantando o seguinte esquema de trabalho: CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA em relação com CONSTRUÇÃO FICCIONAL. Organizar o material dos atores com origem e famílias nordestinas explorados pelo tema memória de família aos personagens de Nelson Rodrigues.

Cada ator-pesquisador organizou uma construção de memória (figuras 1 e 2) que pode ser aplicada aos personagens da peça ÁLBUM de FAMÍLIA de Nelson Rodrigues.

Em janeiro de 2008, quatro membros do grupo foram a Recife para colher material (objetos, depoimentos e imagens) junto a suas famílias e visitar engenhos da época da civilização do Açúcar. Posteriormente, fizemos a mesma viagem, mas com toda a equipe.

Mostra TUSP

Um Corpo com Saudade de Casa. O NINHO, Instalação Casa de Memória, Quintal de Saudade

Para esta mostra, organizamos os resultados do mergulho em busca de memórias de nossas famílias nordestinas(Pernambuco-Alagoas-Paraíba) em diálogo com a obra ÁLBUM de FAMÌLIA de Nelson Rodrigues(de origem pernambucana), promovendo um estudo prático sobre este trânsito entre o campo de memória/depoimentos e a expressão cênica.

Workshops, improvisos, músicas, fotos, causos, depoimentos gravados em vídeo e áudio, receitas e segredos de família foram escavados nesta viagem de volta à origem. Tudo com o objetivo de levantar primeira camada de material para futura criação espetacular.

R3-A1-NewtonMoreno.PMD 208 13/05/2010, 16:05

Os oficineiros e os palestrantes convidados foram fundamentais para nos ajudar a organizar e desorganizar um caminho de memória.

Nesta mostra, organizamos alguns instantes/momentos cênicos que contemplam a construção destas figuras, alguns improvisos entre elas e sua aplicação a cenas do ÀLBUM de FAMÍLIA de Nelson Rodrigues; além disto costuramos os workshops de cada ator sobre o tema memória de família.

Concluímos esta primeira etapa, propondo um espaço-instalação interativo onde atores e público possam conversar com suas memórias familiares.

Como resultado desta mostra, conseguimos aproximar as figuras que surgiram durante as oficinas e ensaios dos personagens de Nelson e efetuar um levantamento de objetos, marcações, aromas e elementos de memória para alimentar a linguagem do espetáculo.

Neste momento, o desenho pós-dramático de Hans-Thies Lehmann ou do teatro performativo sugerido por Josette Féral aparecia como tutela teórico-estética que nos afastava da obediência à fábula textocêntrica e nos permitia bordar experimentos colhidos em nossas sensibilidades de memória. Assim sendo, usamos a idéia de risco partilhado (a leitura da carta escrita para um ator por seu parente que era aberta e lida na frente do público naquele momento), de não definição de delimitações entre palco e platéia (o público podia circular pelo espaço durante a mostra), de não-atores presentes à apresentação (os pais de uma as atrizes e o filho de um ator foram incorporados à mostra), de diluição da idéia de personagem (os intérpretes assumiam sua personalidade despidos de personagens para trocarem diretamente com o público sobre suas memórias), uso de outras mídias (utilização de recursos gravados em vídeo de de-poimentos de familiares) e cruzamentos com outras artes presenciais (uma das atrizes formada em dança executa uma coreografia para sua avó).

Ainda protegidos pela idéia de 'mostra de processo', nos atrevemos a experienciar o espaço do pós-dramático, mas, ironicamente, este recurso nos devolve ao reinado do texto na etapa seguinte, mas, ainda assim, com a saudável cicatriz desta vivência.

Aproximações entre Gilberto Freyre e Nelson Rodrigues

Viagem a um país chamado Gilberto Freyre

Reencontramos Gilberto Freyre após a imersão em sua obra para realizar o espetáculo ASSOMBRAÇÕES DO RECIFE VELHO[7]. Após ganhar certa intimidade com as memórias pessoais e investir na aproximação destas memórias com a obra de Nelson Rodrigues, achamos por bem, concentrar nosso foco na investigação da obra de Gilberto e levantar material cênico através de workshops. A leitura compreendeu basicamente dois livros do escritor, CASA GRANDE & SENZALA e SOBRADOS & MUCAMBOS. A orientação da antropóloga Fátima Quintas foi fundamental para nos guiar nesta dissecação de forças dentro da estrutura da casa grande.

---

7 O espetáculo ASSOMBRAÇÕES DO RECIFE VELHO estreou em agosto de 2005 no Casarão Belvedere em São Paulo com o grupo OS FOFOS ENCENAM. Em uma rua, personagens populares narravam histórias de fantasmas que assombravam a região nordestina. Fantasmas e figuras sobre-humanas, como o lobisomem, o papa-figo e o Boca-de-ouro, são evocados por contadores que, numa atmosfera recheada de humor e mistério, oferecem a busca do entendimento da formação do povo brasileiro e sua relação com entes sobrenaturais.

R3-A1-NewtonMoreno.PMD 209 13/05/2010, 16:05

Todos da equipe se responsabilizaram pela leitura dos capítulos dos livros e organizamos um resumo de temas que foram discutidos internamente. Dentre os temas recorrentes, listamos:

Sadismo e masoquismo na casa grande & senzala; a convivência com os santos e os mortos; negociações sexuais e definição de poder; endogamia; infância triste e solteirice; ritos de passagem; da primeira comunhão ao casamento.

Após recolher alguns temas e características das figuras centrais da família patriarcal, na cultura da cana, todos desenvolveram workshops práticos que, posteriormente, foram por mim organizados numa grande ação cênica.

Ao final do workshop, começamos a desenhar as interfaces entre os três vetores da pesquisa, negociando a casa grande de Gilberto na fazenda de Nelson.

A endogamia no casamento dos primos Jonas e Senhorinha, a melancólica função das mulheres solteiras em Tia Rute, a infância triste dos meninos de engenho em Guilherme e Edmundo, as sinhazinhas criadas em redomas de princesa em Glória, entre outros aspectos forma sendo costurados à nossa estrutura.

Neste momento, retomamos a leitura da peça ÁLBUM de FAMÍLIA e o reencontro com a prole de Jonas e Senhorinha estava alimentado das sensações das etapas anteriores. As conexões pareciam mais potentes e só se confirmaram durante a viagem aos engenhos de Pernambuco.

Viagem a Pernambuco. Nelson visita os engenhos de Gilberto

O grupo viajou para a região de Vicência, zona da mata norte de Pernambuco, para realizar uma nova etapa da pesquisa deste casamento Gilberto-Nelson. Neste momento, hospedamo-nos no engenho Jundiá, antigo engenho produtivo que hoje se rendeu ao turismo rural, mas que é mantido por descendentes diretos destas famílias patriarcais. Além das vantagens óbvias nesta prática de coabitação com a fonte, a estadia neste engenho nos levou permitiu realizar algumas cenas do ÀLBUM de FAMÍLIA no cenário freyriano, os engenhos da zona da mata. Deste modo, ensaiamos a cena da capela entre Glória e Guilherme, na capela do engenho Poço Comprido; a cena de Rute e Jonas na sala de jantar do engenho Jundiá; e a cena entre Edmundo e Senhorinha, me meio ao canavial que se estende entre estas duas propriedades. Ouvir o eco das palavras de Nelson no nicho de Gilberto afinou em nossas sensibilidades a certeza do casamento cênico que estávamos empreendendo. A capela sugerida na obra de Nelson Rodrigues encontrava uma 'locação' potente na capela analisada por Gilberto Freyre em sua vasta obra, como um eixo do tripé casa-senzala-capela.

Nesta mesma viagem, percorremos alguns ensaios de maracatu rural[8] na zona da mata de Pernambuco. O corpo entregue ao jogo frenético e em êxtase que se estendia madrugada a dentro, embebido de cachaça e rodeado do cheiro das queimadas e da cana pronta para ser ceifada, envolvia e entorpecia a todos nós. Imagem que percorríamos em sala de ensaio para oferecer ao público a figura de Nonô e, mais, do encontro em meio a natureza doce e cortante da cana com sua mãe, Senhorinha. Nosso caboclo de lança-Nonô invade a cena sobre as cinzas do pai, assassinado pela matriarca, e efetua seu ritual de acasalamento e libertação.

Neste momento, decidimos que as sonoridades do espetáculo se alimentariam destes sons populares, destes sons 'que vem da mata'. Logo os sons externos à casa grande de Jonas e Senhorinha são tecidos como distorções dos personagens. Assim operamos com os gritos

8 O maracatu rural é um 'brinquedo' de origem mestiça/cabocla que se formatou no começo do século XX, nos canaviais da zona da mata de Pernambuco e tem elemento da cultura indígena e africana mimetizados pelo trabalhador e homem do povo produzido pela cultura da cana.

R3-A1-NewtonMoreno.PMD 210 13/05/2010, 16:05

com a menina grávida que agoniza durante a primeira parte da peça (sons de rabeca distorcidos); a aproximação de Nono (traduzido com distorções dos instrumentos da orquestra do maracatu rural, 'porca', 'bombo', 'gonguê', 'tarol' e 'mineiro').

Saímos de Pernambuco, cientes que havia uma possibilidade de efetuar a aproximação entre os dois eixos do trabalho e que a fábula de Nelson não seria mais a mesma, contaminada deste sotaque nordestino, a fábula já estava 'maculada' pela palha afiada da cana, pelo cheiro da queimada, pelo sabor do melaço.

Mostra no ITAÚ CULTURAL

O publico presente ao ITAÙ assistiu a um mergulho assumido na obra ÁLBUM de FAMÌLIA de Nelson Rodrigues. Mas o roteiro é composto de uma adaptação da obra de Nelson (de origem pernambucana) e algumas ações cênicas inspiradas pelas leituras da obra de Gilberto Freyre (também pernambucano) sobre família patriarcal e a civilização do açúcar, mas, neste momento, já sabíamos que a fábula rodriguiana seria nosso esteio relido pelos outros vetores da pesquisa.

O roteiro ficou assim organizado:

1. Prólogo. Relação público com atores nos nichos. Depoimentos pessoais na boca dos personagens.
2. A casa grande e seus cômodos grávidos de segredos. O tempo do PAI. Fábula de Nelson até o momento em que Guilherme anuncia a expulsão de Glória do internato-paraíso.
3. A casa caiu e a grande família reunida no meio do canavial. O tempo da MÃE. As pulsões estão mais acesas e os segredos vão sendo revelados.
4. Epílogo. A festa da nova família. Encontro de Senhorinha e Nonô em meio ao canavial...

Naquele momento, retomamos a seguinte questão, procedimento que nos parece comum a algumas práticas contemporâneas: como equacionar o autobiográfico e a ficção? Em que medida minhas memórias pessoais familiares constroem os personagens desta peça? E quais memórias são acionadas? Há a necessidade de 'quebrar' o Nelson-Freyre com os depoimentos pessoais ou a pessoalidade/autobiografia já está dada nesta estrutura? Como esta memória autobiográfica está presente em nosso trabalho?

Organização Final do Espetáculo

Um conceito fundamental que surge na organização do material para o ITAÚ CULTURAL é a divisão da obra em duas partes. Na primeira parte, o tempo é do senhor, do pai; numa segunda parte, quando seu reinado é problematizado, começa o tempo da mãe. Não por acaso, a figura de Jonas praticamente não sai de cena nesta primeira etapa, sendo substituída pela figura potente de Senhorinha quando nos aproximamos do desfecho da peça.

Para sinalizar a passagem do tempo do pai para o tempo da mãe, operamos uma transformação do espaço, sinalizando o movimento da civilização a um mergulho na idéia de natureza. Então a casa grande, repleta de segredos e recalques, é desmoronada pelo filho Guilherme ao trazer a 'dessacralização' do baluarte de pureza do reinado do pai, Glória, que foi pega no colégio, aos beijos com uma amiga. Então a paisagem cênica se transforma. A paisagem cênica agora é um canavial. O chão de terra e, ao redor, apenas os escombros da casa-palácio do referido patriarca.

Na relação público-espaço da cena, oferecemos uma moldura simbólica para invadir a memória da platéia. A idéia é que o cheiro da cana invada a platéia. A idéia é que o cheiro de terra invada a platéia. Desta floresta pernambucana saem nossa família de arquétipos e o vento da nostalgia no canavial. Ela é o portal de acesso para a fábula.

Com os atores, seguimos operando uma delicada negociação.

R3-A1-NewtonMoreno.PMD 211 13/05/2010, 16:05

Uma vez com estas 'personas' familiares levantadas, caminhamos para o estágio mais delicado da pesquisa com os atores: a adequação destas 'personas' ao universo de Gilberto e Nelson. Ou seja, qual a equação entre as características da família patriarcal estudada por Gilberto Freyre, das personagens da obra de Nelson Rodrigues e das 'personas' acessadas e desenvolvidas em 'conversas' com a memória pessoal de cada um.

O resultado desta matemática de alquimia volátil é que queremos demonstrar no quadro seguinte do ator Marcelo Andrade que investiga a personagem Jonas:

Quadro dos Atores

JONAS.
Descrição da personagem ficcional de Nelson Rodrigues.
Patriarca da família. Pai de Edmundo, Guilherme, Glória e Nono. Vive a adoração por sua filha Glória, mas, ao contrário de Senhorinha, não consuma nenhum ato incestuoso; ainda que mantenha relações com meninas que se parecem com ela.

Senhor de engenho.
Características presentes nas leituras da Civilização do Açúcar.
. Autoridade incondicional sobre o menino.
. Sexo com as criadas.
. Mantém e explora os agregados.
. O poder exercido sem exasperação.

Diálogo com os patriarcas-figuras masculinas alagoanas da família do ator. Elementos de memória: loção de barba, fotos etc...
Foto desenvolvida na oficina de Renato.
Vaidade. A moral como forma de julgar os fatos.
A cultura de poder ter uma mulher fora do casamento oficial. Corte de barba do pai pela mãe.
Elementos de memória: loção de barba, marmita, lâmina de barbear, programa de rádio matutino, fotos, óculo Ray Ban com um osso na parte superior etc...

Este quadro sinaliza a matemática familiar que pretendemos operar no espetáculo. O retorno que se opera não é apenas no tempo *ficcional* de Nelson, mas na construção sociológica que Gilberto analisa a nossa *história* coletiva como nação e nos intérpretes que acessam seu baú de memórias *pessoais e domésticas* todos os dias de apresentação para 'contar' a estória de Jonas e Senhorinha.

Família

1. doméstica, subjetiva, pessoal.
   'memória pessoal'.

2. histórica, antropo-sociológica
   'memória do país',
   a família patriarcal e o que ela significa na formação do país, o que a sociedade brasileira herda desta formação, como ela ainda nos constitui;

3. ficcional.
   'memória-imaginação' de Nelson Rodrigues e a família de Jonas e Senhorinha.

Uma premissa é fundamental para fechar esta descrição sobre o ator no processo de Memória da Cana. Para mim, um dramaturgo da cena que divide as funções de diretor coordena o projeto. Um dramaturgo que deve à cena, à troca com outros criadores, que escreve em função do que a cena propõe. Este dramaturgo, enquanto diretor, quer que o ator imprima sua caligrafia pessoal na construção do espetáculo. Quer o depoimento, o testemunho, a individuação, a mitologia pessoal, o corpo-sujeito, enfim, constrói em constante diálogo com o que o ator propõe. Uma tentativa constante de contaminar o ator da minha necessidade de uma comunicação com a raiz.

R3-A1-NewtonMoreno.PMD 212 13/05/2010, 16:05

Referências bibliográficas

Nelson Rodrigues

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*. Companhia das Letras, São Paulo, 1992.

MAGALDI, Sábato. *Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1987.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro Completo. Peças Míticas*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981.

Gilberto Freyre

FONSECA, Edson Nery da. *Gilberto Freyre de a a z – referências essenciais à sua obra*. Zé Mário editor, Recife, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife. Ilustrado por Luís Jardim*. Recife: s./n., 1934.

_____. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de janeiro: maia & schmidt, 1933.

_____. Sobrados e Mucambos.

FREYRE, Sônia. *Vidas Vivas e Revividas*. Edições Bagaço, Recife, 2004.

Família Brasileira

DEL PRIORI, Mary. *A Família no Brasil Colonial*. Editora Moderna.

ENI, Samira. A Família Brasileira.

Teatro

COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo, Perspectiva, 1989.

FACINA, Adriana. *Santos e canalhas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GROTOWSKY, Jerzy. *Em busca de um teatro pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

RICHARDS, Thomas. *Al Lavoro con Grotowski sulle azione física*. Milão: Ubulibri, 1993.

SCHECHNER, Richard. *Between Theatre and Antropology*. Pensilvânia: University of Pensilvânia, 1984.

TURNER, Victor. *The Ritual Process*. New York: Aldine de Gruyter, 1997.

R3-A1-NewtonMoreno.PMD 213 13/05/2010, 16:05

Outros

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem.* São Paulo: Companhia das Letras , 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos.* São Paulo: T. A Queiroz, 1983.

_____. *O tempo vivo da memória.* Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

_____. *Mito e Realidade*. Perspectiva. São Paulo, 2002.

R3-A1-NewtonMoreno.PMD 214 13/05/2010, 16:05